

Comentários sobre os *Diários intermitentes* de Celso Furtado

Parabenizo a organizadora do livro, Rosa Freire d’Aguiar, pelo belo trabalho. Rosa e Celso Furtado formaram uma parceria de intelectuais muito particular. Rosa tem uma extraordinária capacidade como editora, tem a verve jornalística, de comunicadora, tem erudição, tem precisão, tem concisão. E tudo isso, quando se junta com sua admiração por Furtado, resulta numa singular aptidão para difundir as ideias e a personalidade do mestre. Eu acho o trabalho de Rosa em geral uma beleza, e este livro é uma das melhores provas disso. Inclusive pela seleção do prefaciador, o João Antônio de Paula, que, bem mais do que um bom economista, é intelectual multidisciplinar de mão cheia, além de possuir uma escrita elegante – enfim, uma raridade entre economistas.

Esse tipo de livro é, de certa forma, mais verdadeiro do que livros autobiográficos e de memórias, porque flagra os autores em sua intimidade e em sua espontaneidade, sem as licenças e os atenuantes que a distância no tempo às vezes permite. Furtado não está deixando subentendido aqui algo como “acho que quando era jovem pensava dessa forma”, ou “se bem me lembro, essa foi minha reação a tal episódio na época”. Nos *Diários*, o que vemos todo o tempo é sua reação imediata aos fatos da vida, é o reflexo de seu estado de espírito no dia ou nas proximidades do dia em que os momentos descritos foram vividos.

O livro é saboroso, de leitura fácil. Os *Diários intermitentes* vão trazendo surpresas em cada uma das etapas da vida de Furtado em que o livro é dividido. Começa com reflexões bem íntimas e, pouco a pouco, vai se movendo em direção a relatos sobre fatos e pessoas e muitas impressões sobre contextos e processos históricos, em vários países. Tudo muito interessante, é difícil parar de ler. Além de exibir a aguda capacidade analítica, Furtado vai mostrando suas preferências intelectuais e como ser humano. Retorna, aqui e ali, a ponderações íntimas, como logo depois de ir para o exílio, em 1964, ou quando se cansa do exílio, nos anos 1970. Mas isso só é mais forte entre seus 17 e 25 anos. Revela que

1. Transcrição editada da fala de Ricardo Bielschowsky (IE/UFRJ) por ocasião do lançamento no Rio de Janeiro (Livraria Travessa), em 31/10/2019, do livro *Diários intermitentes*, de Celso Furtado, organizado por Rosa Freire d’Aguiar.

na primeira juventude é uma pessoa solitária, introspectiva, algo angustiada, e que suas reflexões são um tanto precoces para a idade que tinha. Na intimidade de seu diário, exercitava, também, reflexões sobre o que gostaria de vir a ser um dia: um escritor de ficção e também o escritor de um livro sobre a civilização brasileira.

Uma descoberta para mim, no livro, é a qualidade literária, especialmente nas ocasiões em que se revela em sua intimidade. O livro é mais do que uma simples confirmação de sua capacidade de redigir. Eu sempre imaginei que Furtado houvesse pertencido à Academia Brasileira de Letras porque era o economista que melhor tinha escrito sobre a formação histórica do subdesenvolvimento brasileiro, e pelo conjunto da vasta obra, sempre muito bem redigida e clara, didática mesmo – ele sempre foi um professor escrevendo. Mas mostra aqui, com sobras, algo que de alguma maneira já estava presente nos três livros de memórias – *Fantasia organizada*, *Fantasia desfeita* e *Ares do mundo* – ou seja, que merecia ser um membro da Academia Brasileira de Letras também no sentido do refinamento da escrita, independentemente do objeto do texto. Como se verifica no livro, por toda a vida ele acalentou o desejo de fazer uma obra de ficção, e, por alguma razão não esclarecida, terminou por não realizar o sonho. Pena, teria sido uma coletânea com certeza muito apreciada do ponto de vista de imaginação e de qualidade literária.

Os *Diários* contêm também uma ironia fina. Torna-se algo áspera quando está irritado com a postura e a mediocridade de algumas pessoas. Quando veio para o Rio, no início dos anos 1940, para estudar direito, a saída que parece ter encontrado para essa tendência à irritação foi aproximar-se de artistas. Nessa fase, ele escrevia com certa ironia, ainda que bem mais branda, sobre ele mesmo. Em 1944 escreve que o plano de redigir um livro de ficção é o que o retira de “crises de ataraxia” – fui ver num dicionário e ataraxia significa “ausência de perturbação, tranquilidade”. A ironia (consigo mesmo) é que o estado de tranquilidade é entendido por ele como um mal para seu projeto de ser escritor.

A propósito, me chamou a atenção a inexistência nos *Diários* de momentos de angústia relacionados à redação de seus textos. Isto sequer aparece na fase de elaboração da tese de doutorado. Quando se refere a ela, em 1948, em Paris, diz apenas que estava cada vez mais interessado no trabalho. Provavelmente, isso significa que foi sempre muito tranquilo e seguro em tudo o que escrevia. É como se sofresse de crises de tranquilidade quando estava escrevendo os livros que o tornaram famoso. Não conheço ninguém que seja tranquilo quando está escrevendo teses e livros, meus alunos e colegas de universidade, eu também, tendemos a ficar nervosos.

O livro é envolvente quando descreve seus encontros e discussões com personalidades intelectuais e políticas. Para historiadores econômicos, é especialmente atraente

quando descreve a convivência com a cúpula de políticos na discussão sobre política econômica e combate à inflação, como no episódio de reação de JK ao posicionamento de Lucas Lopes e Roberto Campos em 1959, que os aproximava do FMI, ou na discussão do documento preparado por economistas do PMDB para Tancredo Neves em 1984. E, para historiadores políticos, é rico no relato da intensa participação sobre o que ocorreu depois do fracasso do Cruzado, quando era ministro de Cultura da quota do PMDB no governo Sarney. Ficou numa posição privilegiada de mediador entre, de um lado, Sarney e, de outro, Ulysses, no difícil contexto de simultaneidade entre a prioridade à aprovação da nova Constituição, o descontrole inflacionário, a busca por Sarney de estender o governo por mais um ou dois anos e a tentativa, pela fração progressista do PMDB paulista, de conquistar maior espaço no partido, imediatamente anterior à criação do PSDB, que significou o abandono dessa disputa interna ao PMDB.

Como historiador do pensamento da Cepal, e tendo passado vinte anos nesse órgão, fiquei particularmente atento a alguns fatos descritos no livro sobre a fase de sua vida na Cepal. Um episódio que atraiu especialmente minha atenção nos *Diários* foi o relato da conversa que Furtado presenciou entre Raúl Prebisch e Getúlio Vargas, em 1951, no Palácio do Catete. Foi a ocasião em que Prebisch agradeceu a Vargas pelo apoio brasileiro para impedir que os Estados Unidos liderassem a extinção da Cepal durante o “período de sessões” de 1951, no México. Pelo que está escrito nos *Diários*, pode-se concluir que nem Furtado nem Prebisch sabiam de algo curioso que o diplomata Miguel Ozório, representante brasileiro naquele evento, havia feito para salvar a Cepal. Talvez jamais tenham tido conhecimento do que vou relatar agora. Miguel Ozório era pai de Ana Luiza Ozório, nossa diretora nos anos 1980 na UFRJ. Um dia ela levou seu pai para conversar com os professores, e ele mesmo nos contou que havia sido pautado pelo Cleantho de Paiva Leite, então membro da Assessoria Econômica de Vargas, para que, no México, o Brasil se opusesse à extinção da Cepal. Ozório nos contou que, uma vez iniciado o evento, as coisas no México se precipitaram e, a um dado momento, ele pediu ao Catete um telegrama urgente de apoio do presidente Vargas à Cepal. O telegrama por alguma razão não chegou, e depois de passar uma noite praticamente sem dormir, terminou optando por forjar o telegrama de Vargas, com o que efetivamente mudou o jogo e inviabilizou a extinção do órgão. Depois, pediu para ser levado à presença de Vargas, ofereceu sua demissão, que Vargas não aceitou, ao contrário, riu muito da história, despedindo-se com um carinhoso tapinha nas costas.

Em resumo, o livro é bonito e agradável, tem tudo para tornar-se mais um clássico de Celso Furtado.